O MALHO

ANNO XXXII Num. 1.585

Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1933.

Preço para todo o Brasil: — 1$000

TRIBUNAL ELEITORAL

JECA — Tenha paciencia, isso é feitiçaria! "Cumo" é que "vosmincê" pode "reconhecê" os "voto" que foram "pôsto" escondido e com os "nome" "inscrivido" com letrinha de "jorná"?!

Theo 933

JÀ' ESTÃO A' VENDA EM TODO O BRASIL, NAS LIVRARIAS E PONTOS DE JORNAES, OS

LIVROS DE SUCCESSO PARA CREANÇAS!

CHIQUINHO D'O TICO-TICO

RÉCO-RÉCO, BOLÃO e AZEITONA

DE LUIZ SA

NO MUNDO DOS BICHOS

DE CARLOS MANHÃES

CONTOS DA MÃE PRETA

DE OSWALDO ORICO

PREÇO DE CADA VOLUME

A SEGUIR

HISTORIAS MARAVILHOSAS
DE HUMBERTO DE CAMPOS

QUANDO O CÉO SE ENCHE DE BALÕES
DE LEONOR POSADA

MINHA BÁBÁ
DE J. CARLOS

ZÉ MACACO
DE ALFREDO STORNI

O MALHO

Propriedade da S. A. O Malho

Director: — ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

ANNO XXXII NUM. 1.585

NUMERO AVULSO

No Rio....................	1$000
Nos Estados................	1$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. *Toda a correspondencia,* como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor, 34 — Rio. Telephones: — Gerencia: 3-4422. Redacção: 2-8073. Caixa Postal, 880.

Ha uma lei para todos os destinos: o acaso...

* * *

Só o amor esgota o ser absoluto...

* * *

A finalidade da arte é o prazer.

A. GONÇALVES (Rio) — Não posso. Creia que se o pudesse, eu faria. "Mangueira amiga" cheguei a emendar, na esperança de que pudesse aproveitar e satisfazer o seu pedido. Mas é sem originalidade nem imaginação. Quanto ao soneto, já disse que não estou disposto a que se assassinem os pobrezinhos. Sinto muito...

JAYME SISNANDO (Manáos) —"Praia de Iracema" seria um bom soneto se Bilac ou Alberto de Oliveira o escrevessem. Mas você, não...

Caixa d'O Malho

ODEC (Rio) — Como você se diz *calouro* e deseje receber um trote, saiba que o original que me enviou, de accordo com os sábios ensinamentos de meu fallecido avô e mestre, foram para a cesta, que já lhe foi tambem um grande auxiliar. Motivos por que o seu original seguiu essa via-dolorosa? Ter vindo escripto nos dois lados do papel, o que é imperdoavel para rapazes intelligentes e de talento fulgurante, como diria o meu amigo Berilo Neves.

JONAS SELVA (Bahia) — De conformidade com os ensinamentos do meu velho e bom mestre Dr. Cabuhy Pitanga, o avô, seu pequeno trabalho foi á cesta.

KAMAICORE (Itapetininga, São Paulo) — Outro soneto! Esta edição superabunda de sonetos! O seu será publicado a titulo de animação.

SIMÃO (Atibaia, S. Paulo)— O seu impenetravel bestunto deu para fazer versos, cousa que jámais perpetrou, explica-me você em carta. Muito bem. Até ahi ninguem morreu nem a policia tomou conhecimento do facto. O grave, porém, é que você se iniciou por sonetos e eu temo peores consequencias... O assumpto de "Incomprehensão" é bem interessante. E se fosse aproveitado para uma poesia moderna, que assombro que dahi não sahiria! Tente. Como soneto é que não vae. Leia Murillo de Araujo, Guilherme de Almeida, Padua de Almeida, Leão de Vasconcellos, Oswaldo Santiago, Cassiano Ricardo e outros.

ALLI-BRACÔ (Campinas, São Paulo) — Seus 'bonecos" foram entregues á secretaria, que vae ver se são publicaveis.

DAN (S. Paulo) — Sua poesia tem escassez de metro e imaginação. Sinto muito, mas soneto não é para todo o mundo. Desista.

DR. CABUHY PITANGA NETO

O MALHO

ANNO XXXII — Director: Antonio A. de Souza e Silva — NUM. 1.585

A FESTA da Natureza, em exuberante efflorescencia, encontra neste mez uma grata repercussão nas almas christãs. E' todo um symbolismo suave, esse que dedica á Virgem, como offerenda votiva, a formosa estação, opulenta de flores, transbordante de perfumes.

E' que, nas Letras Santas e na piedosa tradição, nas Escripturas e na Historia, a Mãe de Jesus possue na sua Aurea Legenda todo um roseiral mystico. E' a "flor de Sion", a rainha das flores, a *rosa odorans*, o *lilium vallium*, o *hortus regius*, todo um jardim, em summa, alegrando uma existencia privilegiada, homenageando encantadoramente Aquella a quem Dante, na visão aquilina do genio, enxergou nos vertices luminosos da gloria, representando a sublimação da humanidade toda, o resumo completo e maravilhoso da raça perdida pela primeira Eva e resgatada pelo *Avé* symbolico; pois que é justamente o anagramma providencial: *Eva é avé*, de traz p'ra diante.

Ha nisso uma predestinação muito interessante. O que a primeira mulher damnificou, a segunda, na ordem mystica, reconquistou, a poder de bondade, de toda uma realeza espiritual, que assenta sobre corações, que se alicerça nas almas.

O *Avé*, da saudação angelica á Maria, é o começo deste reinado de carinho e de amor e vale, por igual, como o primeiro passo para a corredempção da humanidade. E' que o enviado celestial, usando do *Avé* annunciava á Virgem de Sião que ella passava a ser a segunda Eva, com a formosa missão, porém, de restaurar o que a primeira perdera.

E a esposa de José começou a sua jornada gloriosa atravez do mundo, o seu itinerario luminoso atravez da Historia. Mãe do Christo, ella se eleva sobre as outras mulheres biblicas como o Hymalaia sobre as insignificantes montanhas da Palestina. E' a rainha de quem Judith ou Debora, Dalila e Esther, Sulamita e Elizabeth não passam de damas de honor, de meras domesticas de palacio. Ella avulta entre todas como os cedros famosos do Libano sobre as rachiticas macieiras do Enghadi. E a sua trajectoria de Belem ao Calvario é a marcha triumphal para a glorificação.

Houve, na caminhada fulgurante, sulcos de lagrimas, transes da afflicção. Para chegar á gloria e attingir a apotheose estendeu-se, ampla e tremenda, a rua da Amargura, na tarde cruciante do Golgotha, do martyrio atroz. Pouco importa!

Maior foi a victoria, mais assignalado o premio. Hoje, volvidos quasi dois millenios, Ella ahi está nas almas e nos corações, mais do que na sumptuosidade das basilicas em sua honra e nas cathedraes famosas, que são hymnos do marmore e do granito á sua grandeza.

E' a esperança ainda de muito soffrimento. E' a visão de bondade em muita magua.

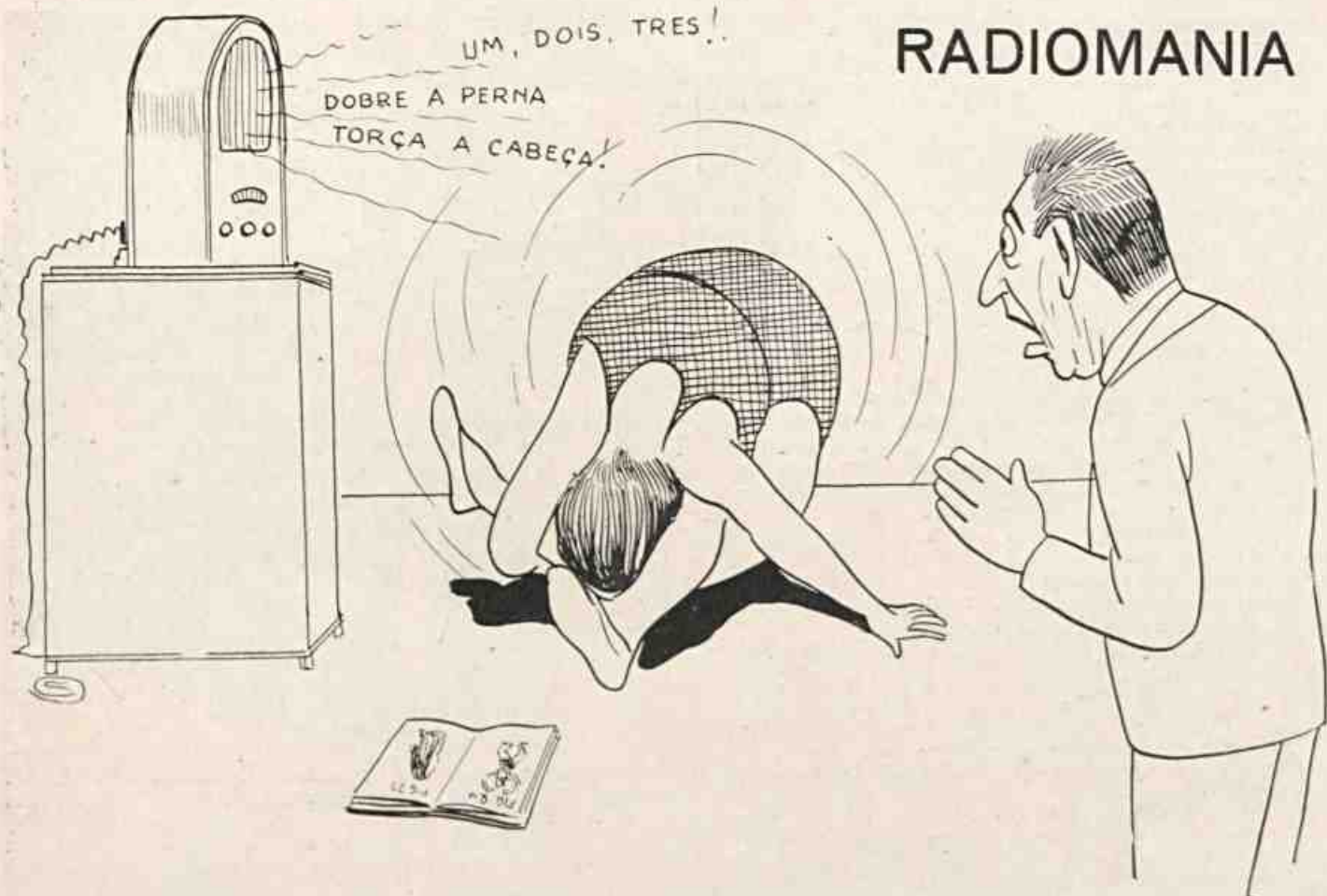
E' o refugio de muita dôr.

O mez de Maio, a estação encantadora, é a commemoração annual de toda essa gloria, e é a evocação memoravel de toda essa benemerencia.

Mas a poesia religiosa destes dias vive tambem nas nossas recordações da infancia. Todos nós possuimos um pedaço da vida, um trecho da existencia ligado a este mez, na quadra florida. E' a influencia da Virgem no recanto do nosso lar. E' o sorriso das nossas mães, imagem da serenidade da Mãe de Nazareth. E' a ternura das nossas mães christãs, revivendo, de seculo em seculo, de geração em geração, todo o poema biblico da Mãe de Jesus, na belleza attrahente do seu physico, mas, sobretudo, na realeza suave da sua eterna misericordia e do seu eterno amor. Formoso mez, gratas evocações!

BRAILOWSKY, o grande pianista sem igual na admiração da platéa carioca, vem realizar no Rio, no decorrer deste mez, uma série dos seus magistraes concertos.

FOOT-BALL. — Um instantaneo feliz do jogo de foot-ball entre o S. Paulo F. C. (S. Paulo) e o America F. C. (Rio) que findou em um honroso empate de 2 x 2.

RADIOMANIA

O susto que levou um marido, certa madrugada, ao encon trar a mulher nesse estado, fazendo gymnastica pelo radio!

AS GAIVOTAS

HUMBERTO DE CAMPOS

Rosto banhado de pranto, os lindos olhos quasi feridos de chorar dia e noite, Noemia, a prisioneira do sultão Murad, olhava, do alto da torre dourada, o infinito da terra e do mar. Viajava de Samos para Kypre, onde vivia o seu noivo, o principe Casimiro, cavalheiro christão a serviço do seu Deus, quando os piratas do Bosforo se lançaram sobre o navio, trazendo-a para Stambul, onde a tinham vendido para a concupiscencia insaciavel do Senhor dos Crentes.

Mãos contrahidas pelo desespero, braços estendidos para o vacuo, através das grades da torre, a princezinha chorava sem remedio, o cabello em desalinho, o lindo colo arranhado pela irreverencia criminosa dos barbaros. E tinha os olhos como duas violetas molhadas pelo sereno, quando uma gaivota que passava, pousou, fatigada, proximo á janella do minarete.

— Gaivota do céo, — gemeu a moça, na sua angustia; — tu, que tens asas, por que não vaes dizer ao meu noivo, em Kypre, o perigo em que me encontro? Parte! Vôa! Conta-lhe a minha afflição!

O soffrimento é, na terra, a linguagem de todos os seres. Quando a mulher chora, estremece, á vista do seu pranto, o coração invisivel das pedras.

Ouvindo o choro da princeza, a gaivota vôou para perto e, como se entendesse a supplica daquelles soluços, enfiou o bico, entreaberto, pelos varões dourados da grade. Olhos espantados, apesar das lagrimas, a moça, sentindo-se comprehendida, tomou, nervosa, de um dos grampos do vestido, e, em um pedaço de panno, escreveu, com o seu proprio sangue, um bilhete ao seu cavalheiro, pedindo-lhe que a fosse salvar.

— Toma, gaivota, parte! Leva-o de um vôo, ao principe Casimiro, para que elle venha em meu soccorro!

A gaivota ergueu o vôo, e partiu. Olhos presos nella, a princeza acompanhou-a longo tempo, olhando-lhe as asas de neve, que eram como dois lenços que lhe dissessem adeus. Viu-a pairar sobre as casas sobre as mesquitas, sobre os castellos que marginavam o Bosforo. Viu-a ganhar o mar, em vôo largo. De repente, soltou um grito: a gaivota havia deixado escapar do bico, da altura em que ia, o seu bilhete de noiva, o qual, rodopiando, cahira, e se afundára nas ondas!...

Olhos faiscantes de desespero, mãozinhas fechadas, braços estendidos no rumo do Bosforo, a princezinha lançou, então, aquella maldição fulminante:

— Malditas sejaes para sempre, gaivotas, ardeolas, grandes e pequenas aves do mar!...

E tombou para traz morta.

— Desde esse tempo, — concluiu o velho cheik, que me narrava essa historia — desde esse tempo as aves marinhas não tiveram mais socego; voam; revoam; pairam sobre uma onda, olhando-a, descem; sobem de novo; giram; regiram; gritam, como em alviçaras; piam, alto, desilludindo-se. E isso até que anoitece, quando se congregam sobre um rochedo, para reiniciarem a faina, infatigaveis, aos primeiros clarões da alvorada.

E passando a mão aspera, enrugada e tremula, pelo molho da barba grisalha:

— E' que ellas andam, ainda hoje, a procura do bilhete da princeza Noemia, para leval-o, num barulho de asas, ao principe Casimiro...

Uma tragedia gastronomica

POR

JEANNETTE

LEWIS

ERA uma e meia da madrugada quando Elmer Randlet entrou no seu quarto, da pensão da Sra. Simms e deparou com Bert Melcher, seu companheiro, deante do espelho.

Bert estava de chapéo e sobretudo, tudo indicando que havia chegado um pouco antes.

Elmer sentia vontade de dar um berro para tirar Bert do espelho, quando verificou que o companheiro não se examinava. Pelo contrario: tinha os olhos fitos, perdidamente em uma photographia, collocada num dos cantos do espelho.

Essa photographia, que era muito boa, representava Miss Ferne Wallask.

Elmer então, disse:

— Agora comprehendo. Você acaba de fazer uma visita a Ferne, não é verdade?

Bert continuou a olhar para a photographia.

— Caramba! Tenho a impressão de que você não sae da casa della.

Afinal, Bert resolveu afastar-se do retrato, tirar o chapeo e o sobretudo. Bert disse:

— Ferne é maravilhosa e a creatura mais interessante do mundo!

— Pelo que você diz...

— Sim, e de facto. — Disse Bert, sentando-se para tirar os sapatos.

— Bert, não sonha na vida um excesso de philosophia, disse Elmer, porque, naturalmente, nós acabaremos casando. Tenhamos um pouco de bom senso. Ha milhões e milhões de moças bonitas no mundo. Por isso, sejamos prudentes na escolha de uma joven para esposa. Vou lhe dar, entretanto, um conselho: uma joven nunca será boa dona de casa, se, por exemplo, não souber cozinhar, ouviu?

— Mas que tem isso? Se você amar uma joven, que importa que saiba ou não saiba cozinhar? Aprende...

— Ahi é que você se engana. Se, aos vinte annos, ella não aprender, jamais aprenderá. E depois, meu caro, um bom almoço e um bom jantar pesam consideravelmente na felicidade de um lar...

— Escute, Elmer. Que diz você, então, a respeito da Georgette Olsen?

— Acho-a muito interessante.

— Sabe cozinhar?

— Não perguntei.

— Ahi está, meu caro. Não sei se Ferne sabe cozinhar, porque todas as vezes que estive em sua casa, sua mãe sempre foi quem serviu o jantar. Quando os Wallacks se mudaram para a cidade, o que se verificou ha uns tres mezes, e eu vi Ferne pela primeira vez, senti que uma voz interior me dizia: "essa joven ha de ser a tua esposa". Mas nesse tempo nem siquer pensei que ella pudesse vir a ser a minha namorada ou noiva. Agora, porém, você concorda não saber se Georgette cozinha ou não, e, no emtanto, vae casar com ella.

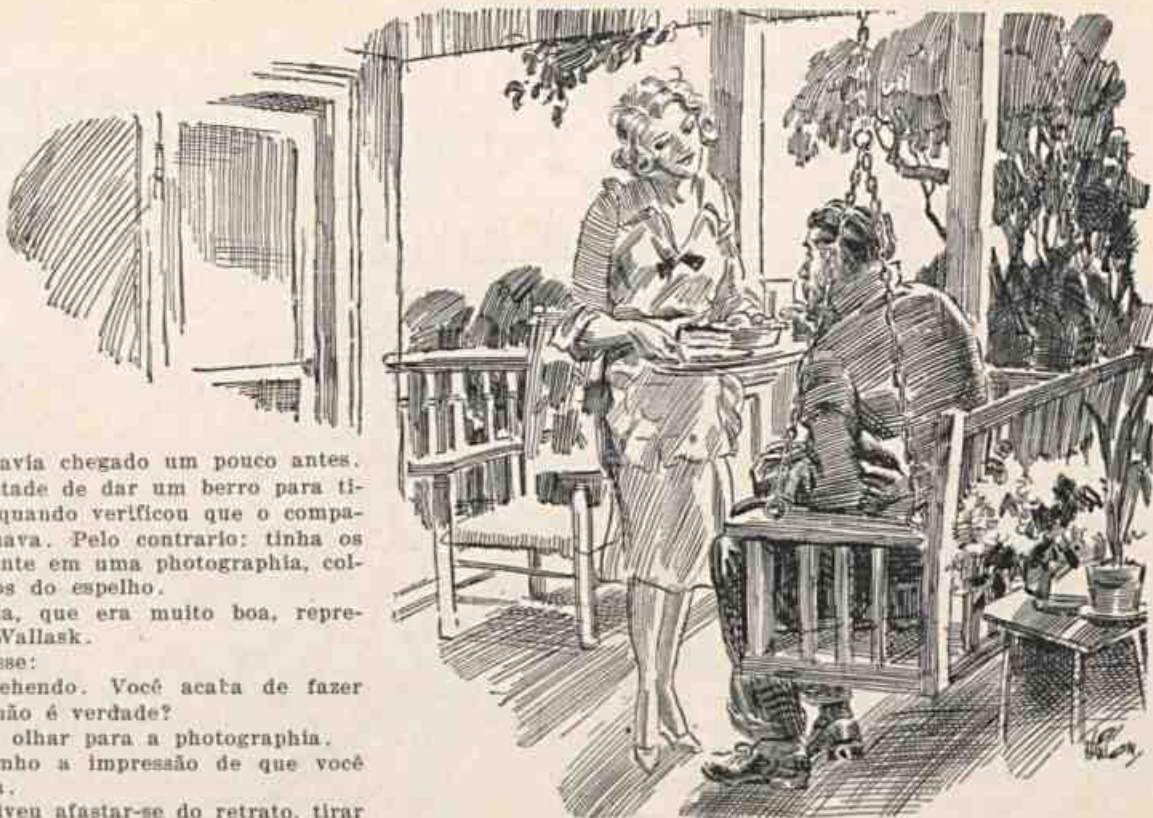
— Penso que você deve jantar em casa della e perguntar-lhe quem fez o jantar.

— Não. — disse Elmer — Não sou um sujeito dessa ordem. Todas as mães mentem a esse respeito e dizem que suas filhas sabem cozinhar e que são uns anjos, para "apanharem" assim os homens. A mãe de Georgette diria que foi a filha quem fez o jantar...

— Mas como é que você póde descobrir tal coisa?

— Ora, com intelligencia. Tenho uma idéa. Vou revelar-lh'a: Os parentes de Georgette vão fazer uma visita na semana que vem, e, se não me engano, vão ficar fóra por varios dias. Sabbado á tarde vou me disfarçar em vagabundo e lhe pedir comida. Georgette é tão boa que estou certo me dará o que comer. Ella sempre costuma dar comida aos mendigos que passam pela sua porta. E quando eu fizer isso, terei certeza de que será Georgette quem faz o jantar ou o almoço, porque os seus parentes estarão fóra. Comprehende?

— Boa idéa! — disse Bert.

Elmer Randlet resolveu pôr em acção o seu plano. Quando voltou ao seu aposento, ahi encontrou Bert, que fazia a barba e que se preparava para visitar a sua Ferne Wallack.

— Magnifico, surprehendente! — disse Elmer, assim que tirou a barba postiça que lhe modificava profundamente a physionomia.

— Então, deu resultado? Georgette sabe ou não cozinhar?

— E de que maneira, meu amigo... Ella mandou-me para a varanda que fica nos fundos da casa. Modifiquei a voz, tornando-a aspera e grossa. Ella me trouxe um pedaço de gallinha, num molho gostoso, um pouco de bolo, — em summa, o que até hoje de melhor comi em minha vida. Esta noite, vou propor-lhe casamento.

— Muito bem, Elmer. Tambem tenho boas noticias a dar. Fui transferido como gerente para a loja de Plainfield, e Ferne e eu pretendêmos casar amanhã e partir para Plainfield.

— Que pressa, meu caro... Mas tambem penso como você. Fiquei contente por saber que você conseguiu ser promovido. Provavelmente, Ferne nem siquer sabe pôr agua a ferver, no fogão.

— Não me importo com isso. E' a creatura mais interessante deste mundo.

Bert casou com Ferne e foram para Plainfield. Algum tempo depois, Elmer casou com Georgette. Conseguiu melhor posição em Worcester e para ahi se mudou.

Passaram-se tres annos. Afinal, um dia, se encontraram. Elmer mudara-se para outra parte da cidade e havia entrado para um importante negocio de grandes proporções, e ahi encontrou Bert Melcher como gerente!

Tivera uma conversa rapida, porquanto Bert estava nesse instante muito occupado. Elmer disse que sua esposa tinha ido visitar os paes, dentro de alguns dias. Elle acceitou de boamente o convite de Bert para que visitasse a sua casa e jantasse com elle.

Foi o que se póde chamar um jantar magnifico. Ferne mostrou-se orgulhosa. Bert e Elmer foram para outro aposento para conversar e fumar. Bert disse:

— Você está doente?

— Muito mal. Nunca pesei tanto como agora. Ferne é a melhor cozinheira do mundo. Só soube disso quando casámos. Ella me disse, então que havia trabalhado em uma pastelaria, antes de conhecer-me. E que especie de doença tem você, Elmer?

— Sempre tive... Você sabe... Uma dyspepsia chronica... resultado de não comer alimentos bons...

— Mas, você não foi, naquelles tempos, á casa de Georgette e não verificou que ella cozinhava, e bem?

— Sim, até ahi tudo certo. Mas acho que fui embrulhado, porque tenho a certeza que ella havia mandado vir a comida de um restaurante proximo, emquanto sua mãe estava fóra.

Malhadas da Semana

— SUPPONHO QUE NÃO EXIGIRÁ UM JURO ELEVADO..
— NÃO, SENHOR, O CAPITAL E' QUE' E... LEVAMOS

A MULHER DE CALÇAS

— VOU MATAL-A ESSA TRAIDORA, MAS QUA E' ELLA?

A terra tremeu na ilha de Kos

UM HABITANTE DE KOS A QUEM O TERREMOTO FOI SE EXTENDER AO KOS DAS CALÇAS

ELLE — PARECE ASSEGURADA A VICTORIA DA CHAPA UNICA
ELLA (SURDA) — A VICTROLA DE CHAPA UNICA?! QUE HORROR! NÃO SUPPORTO A DO VISINHO!

VICTIMAS DE AUTOS

— PORQUE O SR PEDIU A ASSISTENCIA SE NÃO TEM NADA?
— SOU A "VICTIMA DO AUTO" DE INFRACÇÃO AO REGULAMENTO DA I.V.

— JÁ NÃO ME INTERESSA MAIS O NEGOCIO DO ... DOLLAR
— O QUE! NÃO CUIDARÁS MAIS DO.. LAR?

Peor a cura...

— MINHA MULHER E MINHA SOGRA CURARAM-SE COM UM SÓ VIDRO DESTE REMEDIO.

INFORMAÇÕES UTEIS

AS PESSOAS QUE RECLAMAM PELA FALTA D'AGUA PEDE-SE QUE RECORRAM A UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO

R.A.E.O.P.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

— MINHA MULHER FUGIU.... PUBLIQUE NOS "A PEDIDO" QUE EU NÃO EXISTO MAIS, PARA QUE ELLA NÃO VOLTE.

Uma scena da ultima guerra. Aqui um corpo a corpo crudelissimo de um inglez e um allemão. Por que? Para que? Ali, a bayoneta no coração de um amigo, que tem uma irmã, uma noiva e a mãe distante. Mais adeante, aquelle que deixou a mulher e dois filhinhos... Vejam o pobre moço que desejou estudar, sonhou ser medico ou engenheiro, e agora jaz estraçalhado. O sangue jorra. A peste invade. Morre-se... Por que? Para que?

A Guerra! A Guerra!

ELLA AHI VEM!

Esta é a farda manchada em sangue do archiduque Francisco Fernando, cujo assassinato em Seravejo deu origem á guerra européa que durou cincoenta mezes e sepultou milhões e milhões de pessoas. Da morte de um homem sobreveiu a morte de milhões de homens que de nada são culpados. Por que? Para que?

A guerra! A guerra!

Ella ahi vem! Ella ahi vem com o seu cortejo de miserias e desgraça, calamidades após calamidades, sangue, orphandade, peste, devassidão!

A guerra! A guerra!

Os Quatro Cavalleiros do Apocalipse se approximam! E o Mundo novamente cahirá na embriaguez e na chacina, e sangue clamará por sangue, e o irmão se degladiará e esfaqueará e assassinará outro irmão!

A guerra! A guerra!

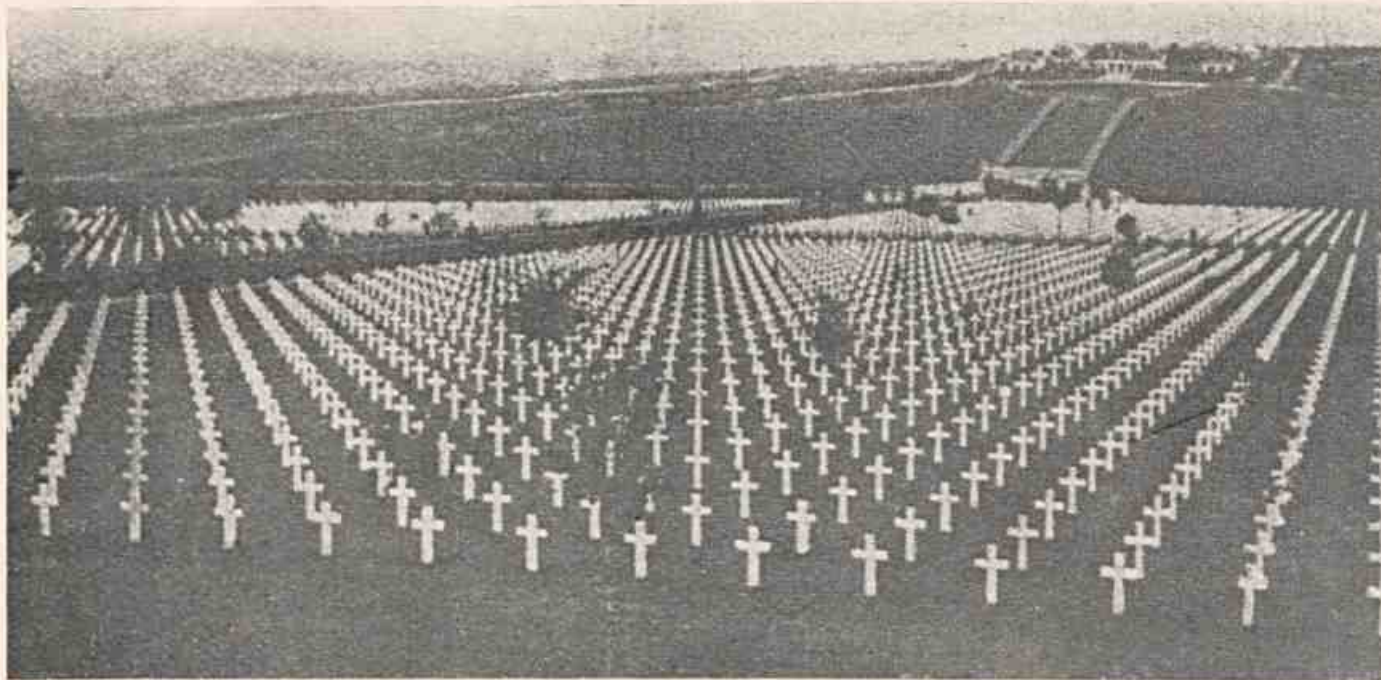
Ainda zumbe em arrepios tragicos aos ouvidos da Humanidade, todo o horror desta palavra! E já outra ahi vem! Já outra um milhão de vezes peor, um milhão de vezes mais cruel, mais inconcebivel, mais horrorosa!

A guerra! A guerra!

Ella ahi vem! Abaixo Remarques, Wilsons, Conferencias e Ligas! Abaixo a Paz, a vontade de viver — o direito de viver na Terra! A Terra é pequena, é pequena! E a ambição é grande! Sacrifiquem-se, pois, homens contra homens, repitam-se os espectaculos barbaros de Nero, e cantemos, esquecendo a Conquista dos Vinte Seculos: "Ave Cezar, morituri te salutant".

Mas a quem se dirigir a saudação dos inconscientes? Aos responsaveis maximos dos momentos que passam! A Hitler, a Mussolini, a Stalin, a Hirohito! e a mais, a muito mais, outros Cesares do seculo!

As nações não se preparam para a guerra, porque já estão dentro della! O Japão conquista a China e provoca a Russia. A Russia arre-

Guilherme II. Esta photographia do Imperador da Allemanha mostra bem a sua arrogancia de conquistador do mundo... Cesar foi assim. Napoleão tambem. Guilherme II sonhou. E para a guerra que ahi vem, quem substitue estas figuras amaldiçoadas pelos seculos? Mussolini? Hitler? Stalin? Hirohito?

Cruzes, cruzes e mais cruzes... Cada cruz representa uma vida a menos e uma desgraça a mais. Em vez de espigas que darão o pão e a felicidade, as cruzes que lembrarão á Humanidade a maior das loucuras. A Europa é um campo repleto destas cruzes. Cruzes, cruzes e mais cruzes... E outras novas já ahi vêm...

ganha os dentes e "sorri" á Inglaterra. A Allemanha firma Hitler, allia-se á Italia e fala em "revanche". Mussolini, o "eu" da Italia, sulca o céo de asas e mais asas. A França arma-se. Trabalha... Que faz Daladier? E a Polonia, entre dois fogos, previne-se...

Remarque. Este nome nos lembra o maior pacifista de quantos pacifistas o mundo apresentou finda a catastrophe de 1914. Elle foi como tantos outros milhões. Criança ainda, inflammou-se de um patriotismo doentio e foi mobilizado. Sem nada quasi conhecer da vida, apanhou de um fusil e foi matar outros rapazes como elle. Dormiu na lama e comeu ratos. Assassinou para não ser assassinado. Perdeu a consciencia do que era ou para que existia. E, quando chegou a paz (para que a guerra?) elle já havia vivido meio seculo sem conhecer a vida. Escreveu "Nada de Novo Na Frente Occidental". O maior libello. Livro que deve ser adoptado nas escolas publicas.

E a America? E a Hespanha? E a India? As revoluções não são guerras?

Que influencia dos astros provoca os cataclysmos? Por que? Para que?

Responda Deus...

Estas oito bugigangas com fitinhas, em uma almofada de velludo, foram offerecidas á cidade de Verdun pela França e seus Alliados, como uma recompensa pelo sacrificio de seus filhos. E com isto, julga-se compensar o sacrificio de tantas vidas immoladas, de tantas familias desamparadas. A guerra...

— Como? Você deixa o pequeno comer terra?
— Ouvi d'zer que a terra cura.
— Cura, mas é a vontade de comer e a de brigar.

Um Conto Simples

Por Lauro Carvalho

O sino da egrejinha começára a badalar, na sua suave harmonia christã.

Rosita apressou os passos, ganhou, rapida, a encruzilhada, olhou alguem, e, dahi, num pulo, alcançou a porta da egreja.

Alma christã, bonita e pura, Rosita era tida, na villa, como a mais formosa das pequenas, "a mais formosa e a mais séria", na opinião da rapaziada guapa. Quinze primaveras apenas, dourando a sua cabecita loira, possuidora, entretanto, de dotes que a endeusavam, Rosita era, por isso mesmo, invejada por uns, admirada por muitos. Até então o seu coração ainda não se havia aberto para o doce agasalho do amor. Todo domingo, apenas a manhã nascia, lá se ia ella, no seu vestido simples, muito trefega, muito alegre, rumo á egrejinha. Mas neste domingo Rosita teve a acompanhar-lhe os passos, de longe aquelle moço alto e de cabelleira curta, que a fitára tanto e tão expressivamente na festa de anniversario da Carminha. E' verdade que aquelle moço alto e de olhos ternos não a deixara no mesmo indifferentismo que até então votara á rapaziada alegre e, ás vezes, mesmo atrevida, da villa...

O moço de cabelleira curta e olhos ternos não a perdeu de vista e, como depois ella propria, ajoelhada, observara, tambem havia entrado no recinto onde se celebrava a missa.

Iniciou-se, então, a historia sentimental de dois corações puros, que logo se comprehenderam. Rosita, absorta em sua prece, procurou esquivar-se quanto poude dos olhares apaixonados do moço de cabelleira curta; e quando os seus olhinhos vivos, penetrantes, pousavam nos delle, uma alegria terna pullulava na sua alma simples. Era o coração que se abria para a festa do amor. Um sorriso leve, mais ou menos disfarçado, traduziu em ambos, a linguagem da acquiescencia.

——

Começára então, o romance azul...

— Não, Lucio, não é possivel!...

— Sim, Rosita, é verdade; falo sério, e será dentro de dois dias. Não assistiremos á derrocada do nosso amor. Voltarei um dia para a sua glorificação.

— O destino...

— Sim, minha Rosita, é mau, é implacavel. Mas o que fazer senão submetter-me á sua dolorosa imposição?!

— Morrerei de saudade...

— A saudade engrandece e sublima o amor! Eu partirei com a convicção de tua fidelidade e com a certeza de que me esperarás resignadamente.

— E se não voltares?!...

— Só a morte impedirá a consummação do nosso ideal.

Pairou o silencio. Desenrolava-se no intimo de ambos um drama de intensa amargura, desses que só se sente e não se consegue nunca traduzir. Era tão sublime e tão forte aquelle amor! O dedo tragico do Destino interpoz-se impiedosamente, e elle, aquelle mesmo moço de cabelleira curta e olhos ternos que, uma vez, tivera a felicidade de encontrar Rosita, ia agora deixal-a.

A monotonia era profunda, na noite banhada de luar.

— Não, Rosita; guarda as tuas lagrimas. Não te basta a certeza do meu amor? E' preciso que te conformes. Sê forte. Amanhã, domingo, tu irás á missa e, então, pedirás a Deus pela felicidade do nosso amor.

Nella, as palavras não podiam mais escoar-se pelos labios; sentia a voz suffocar-se na garganta. O coração chorava de angustia e as lagrimas do coração filtravam-se mansamente pelos olhos.

——

O sino da egrejinha começára a badalar, na harmonia christã de todos os dias.

Os resôos que Rosita antes ouvia com aquella alegria ingenua e mansa de quem nunca amou verdadeiramente, tinham, hoje, para ella, a significação dolorosa de um funeral. O sino bimbalhava compassadamente, e cada badalada resoava, na sua alma, como um grito de dôr!

Chegou á encruzilhada, parou. Quiz recordar-se daquelle domingo já distante, muito distante, quando ella percebeu, dali, que o moço alto e de cabelleira curta a acompanhava discretamente. Depois, começou a caminhar. Chegou á porta da egrejinha, entrou, ajoelhou-se. Quiz chorar, não poude. Baixou a cabecinha loira e começou a rezar. Quando deixou a egreja, o seu pensamento, ainda, como dantes, estava sómente nelle, e na prece ardente que fizera estava a sua consolação de avezinha ferida.

A saudade fez, então, no coração de Rosita, o seu ninho de tristeza.

No domingo alegre pairava o

— E' sempre depois do almoço que tem essa indigestão?
— Sempre, doutor.
— E depois do jantar?
— Não. Eu não janto em casa.

DEPOIS DA "LEI SECCA"... — Quatro lindas "garçonnes" de um "bar" americano, que foram as primeiras a apparecer em Nova York após a quéda da "Lei Secca". Chamam-se Marjorie Hothorn, Eleanor French, Maxine Hothorn e Phyllis Seiler, e trabalham no "Jack Kennedy". Quando o leitor andar por lá e appetecer-lhe um "duplo", não se esqueça...

mesmo rythmo de sempre; tudo sorria em torno, o céo tinha o mesmo esplendor celeste, o sol cantava a mesma canção de luz e de vida e o passaredo irrequieto tinha os mesmos chilreios de ternura e de amor. Só Rosita não podia ver, nem sentir, a alegria matinal do domingo festivo.

Quando passou á cancella que dava accesso á sua casa, deteve-se: uma recordação suave lhe veiu á mente, e um sorriso, mixto de alegria e de dôr, floriu-lhe o semblante ligeiramente. Fôra ali, á sombra da mangueira antiga, que elle beijara a sua bocca deliciosamente virgem. Aquelle beijo assignava o inicio de sua epopéa sentimental; depois daquelle beijo, cheio de ternura e impetuosidade, ella sentiu que o amava verdadeiramente e que só elle imperaria no seu coração.

O primeiro beijo de amor nunca póde ser esquecido, e Rosita, mal passava a cancella, tinha a mente povoada de recordações deliciosas escriptas no seu coração em suaves poemas de amor.

———

A primeira carta de Lucio teve, para ella a mesma significação que, para os passaros tem a delicia da alvorada. Leu, releu, beijou, teve impetos de esmagar entre os dedos minusculos, no delirio do contentamento, a cartinha repleta de esperanças novas. Correu, então, a apanhar a penna. Quiz responder-lhe immediatamente. Dizer a Lucio o que sentira, como fizera a sua prece pela felicidade, pol-o ao par de todo o drama de saudade que lhe enchia a alma. Sobre o papel branco escrevera, tremendo, o nome delle. Depois, parou, não podia. Quiz escrever de novo, nada conseguiu. Quiz coordenar os pensamentos. Impossivel. E só tres dias depois, mais acalmada, o fez.

———

Rosita aguardava, ansiosa, a resposta de sua carta. Esperava... esperava... Passaram-se semanas... Passaram-se mezes... Passaram-se a n n o s... E e l l a esperava sempre... sempre... E continua a esperar... a esperar... na sua simplicidade christã, bonita e pura.

O IMPOSTO SOBRE SOLTEIROS

A FISCAL — Estou informada de que os senhores são solteirões. Terão que pagar uma multa pesada! Ha um recurso, porém, folheiem este album das solteirinhas do Rio e, se fizerem uma escolha, ficarão isentos da taxa!...

VITAL SOARES — Repercutiu dolorosamente em todo o paiz a noticia do fallecimento, na Bahia, do Dr. Vital Soares, jurista de renome, antigo parlamentar e ex-governador do seu Estado natal. As nossas gravuras mostram um aspecto dos funeraes do eminente brasileiro e um dos seus ultimos instantaneos.

AINDA O GRANDE TERREMOTO DE LOS ANGELES

Ao alto, á esquerda: Um dos membros da Legião Americana procurando, entre os escombros dos predios, feridos e mortos. Ao alto, á direita: Uma das cidades que mais soffreram com o terremoto foi, sem duvida, Compton. Ali pereceram 20 pessoas e ruiram innumeros edificios de valor, como o "Bank of Compton", cujos escombros se vêem assignalados por uma setta. Ao lado: Medicos soccorrendo as victimas. Nessa catastrophe pereceram 150 pessoas e ficaram feridas mil e tantas, que eram logo retiradas dos escombros e conduzidas aos hospitaes mais proximos.

GILKA MACHADO

JENNY PIMENTEL DE BORBA

O estranho bailado de suas rimas
é uma provocação.
Seus versos que têm uma sombra
de peccado, graças ao perfume
de volupia, lembram a dansa
das "houris".
Livre.
Heraldica.
Para a festança dos sentidos.
Ha corpos desnudos que se desconjuntam, girando, girando.
Allucinados.
Delirantes.
Braços que se contorcem em
ansias.
Seios que palpitam atrevidos.
Offegantes.
Olhos febris que se occultam sob
o lilaz das palpebras semi-cerradas.
Sonham.
Soffrem sonhando.
E uma angustiosa sensação de
doida alegria fica-lhes nas epidermes macias.

"VOLUPIA

Tenho-te, do meu sangue alongada
[nos veios
á tua sensação me alheio a todo
[o ambiente;
os meus versos estão
[completamente cheios
do teu veneno forte, invencivel e
[fluente.

.. ..

.. ..

Teu veneno lethal torna-me os
[olhos baços,
e alma pura que trago e que te
[repudia,
inutilmente anceia esquivar-me
[aos teus laços."

Nos labios tremulos passam num
[fremito outros labios.
"que ao paladar nos traz da
[saudade os resabios"

De uma vibratilidade pagã, Gilka só se apercebe do perfume capitoso que se evola das coisas e dos seres.

Seus versos são verdades audaciosas. A artista incitou a Musa que lhe attrahia a recompor a formosura incorporea dos aromas, para reavivar as emotividades extinctas.

Pediu-lhe:

"Dansa de todo núa,
Mas que seja a nudez sensual da
[dansa tua,
a immortalisação do teu grandioso
[amor".

E a sacerdotisa poetica bailou sem cuidar se cahiam em torno "pedras ou flores".

Ante o grito quasi selvagem dos seus anseios harmoniosos, fazendo esvoaçar os véos em que se envolvia, explicou:

"Que assim como ha na dansa a
[poesia dos gestos,
Ha nos versos a dansa da poesia".

Seu soffrimento de artista mostrou os infinitos das sensações experimentadas, assim:

"Seu beijo dá-me a sensação
de uma caricia que perfura..."

Mais adeante:

"Seus beijos são elasticos, por
[certo,
elles se esticam tanto no meu sêr,
que por sentil-os, julgo crescer
de tal maneira que nem te possa
explicar.

E', sem a menor contestação, a maior poetisa brasileira. Só Gilka consegue ser assim tão grande pela coragem de exhibir-se toda, dentro de sua arte.

Em meio de tanta subtileza, realçada pelos vermelhos de sua magistral palheta, esbarramos com o pedestal de orgulho que erigiu á sua personalidade, "Miseria".

"Mulher Núa" prolonga a choreographia no templo pagão. A volupia transforma a pagã em deusa liberta de todas as tules...

E pela nave ha um barulho de "Crystaes Partidos".

Gilka Machado, A Maior Poeti
Do Brasil

A sua consagração no dia 11, no Instituto Nacional de Music

Gilka da Costa Machado (photographia publicada na primeira edição de "Chrystaes Partidos" em 1915).

———o———

Verso e reverso da Medalha de Ouro que O MALHO offerece a Gilka Machado, a maior das poetisas brasileiras na enquête que esta revista promoveu entre 250 intelectuaes brasileiros residentes no Rio.

SERA' na proxima quinta-feira, 11 do corrente, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, ás 21 horas, a solemnidade da consagração de Gilka Machado, eleita a maior poetisa do Brasil no concurso promovido pelo O MALHO e no qual se manifestou a opinião de um eleitorado representativo da nossa cultura.

Gilka Machado merecia bem essa prova publica de admiração ao seu valor de artista. Desde os *Crystaes Partidos*, seu livro de estréa, que ella vem dando á nossa literatura as mais lindas e mais emocionantes paginas que constituem um motivo de orgulho para o nosso paiz. Toda a sua vida, na nobreza do seu retrahimento, tem sido de trabalho indefesso, na construcção de uma obra de belleza, opulenta de rythmo, de idéas claras e de um profundo sentimento de humanidade. Era justo, portanto, que os intellectuaes patricios lhe demonstrassem o seu inthusiasmo pela fórma expontanea porque o fizeram na esplendida opportunidade que este semanario lhes offereceu.

Mas O MALNO não quiz ficar no simples registro da victoria nas susa paginas. E por isso foi buscar Gilka Machado,

"Crystaes Partidos" foi o livro que revelou Machado á critica do Brasil e transportou o seu n rodas literarias de toda a America. Como Gilka do, só Juanna de Ibarborou em nosso continente. que Juanna de Ibarborou, indubitavelmente, d patriotismo e a sua arte, é Gilka Machado. De seu taes Partidos", á pagina 110, transcrevemos este que é todo um poema á Mulher que sonha:

SER MULHER...

Ser mulher, vir á luz trazendo a alma tall
para os gosos da vida: a liberdade e o am
tentar da gloria a etherea e altivola escala
na eterna aspiração de um sonho superio

Ser mulher, desejar outra alma pura e ala
para poder, com ella, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insipida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um se

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideaes.

Ser mulher, e, oh! atroz, tantalica tristeza
ficar na vida qual uma aguia inerte, prez
nos pezados grilhões dos preceitos sociaes

tão esquiva, na sua modestia, aos rumores cidade, para entregar-lhe, deante de uma plat a medalha de ouro que recorda esse triumj

Dessa parte da solemnidade, como de que o *Brasil-Feminino* se associa ás homena movimento expressivo de carinho ao nome vencedora, constarão, além dos discursos numeros de declamação de alguns dos melho de Gilka Machado e um programma de c sica em que figuram elementos consagrado meio artistico.

Nessa occasião receberá ainda Gilka uma corôa de ouro, offerecida por seus admiradores, de accordo com a iniciativa *Feminino*, que muito se esforçou para da alce a essa festa da intelligencia brasilei

———

A grande *enquête* de O MALHO que Gilka Machado a maior das poetisas foi annunciada nesta revista na edi e desde logo teve a consagral-a o interess da imprensa e dos intellectuaes de todo

DE CINEMA

Foi Jean Harlow quem primeiro apresentou os cabellos platinados na téla de prata. Com *Anjos do Inferno* ella estreou. Com *Tres garotas ladinas* está terminando a visita ao Rio.

MENINA ingenua, foi o mundo quem te fez má! Teus olhos não são os olhos fataes; tua bocca não é a bocca sensual; teu corpo não é o corpo das *vampiros*; teu sorriso é até o sorriso de creança ingenua.

Menina, foram a Metro-Goldwin e o mundo que te fizeram má...

DE LITERATURA

"AGUAS PASSADAS", VERSOS DE LAMARTINE F. MENDES

Lamartine F. Mendes nos enviou de São Paulo "Aguas Passadas", um livro seu de versos. Trata-se de um trabalho graphico interessante, com illustrações de grande effeito de Luigi Andrioli, impresso em duas cores, contendo trinta e quatro sonetos, romanticos, sentimentaes, bem burilados todos.

O livro é dedicado á memoria de Amadeu Amaral e o primeiro soneto — "Em Sonho" — vamos transcrever como uma mostra da inspiração do poeta:

"Sonhei comtigo. Como a nevoa fina,
que aos ares sobe, nas manhãs de [maio,
e que a brisa espirala, de soslaio
deslisando na fronde esmeraldina,

ascendias, risonha e peregrina,
branca, vestida do mais lindo raio
do sol, que te beijara, com desmaio
amoroso, entre o manto da neblina.

E deslumbrante eu te mirava, quando,
o coração dentro do peito arfando,
me vi ao lado teu, mudo e tristonho.

Chegaste a mim. O céo era tranquillo.
Mas, para que contar-te tudo aquillo,
se tudo aquillo não passa de um so- [nho?"

—o—

"BEIJOS DE AMOR", DE JOÃO GUIMARÃES

"Beijos de Amor" é o ultimo livro que João Guimarães apresenta ao publico ledor do Brasil. Poeta dos beijos e dos versos que são ternuras rythmadas, João Guimarães escreve como os romanticos de antanho escreviam: para a gloria de sua amada, com o coração elevado para os céos.

Cantado e decantado pelo mundo afóra, o beijo é hoje uma sublimação do proprio sêr. E' no beijo que está a primeira caricia da mãe ao filho, é no beijo que está todo o consolo da despedida, é no beijo que se unem, eternamente, duas almas jovens e sequiosas de amor e é no beijo, ainda, que se finalizam as existencias.

Beijo de mãe, certamente, é um beijo divino. E se o beijo de despedida é um pedaço de alma que se parte e o beijo da morte é o ultimo que se conhece, o beijo de amor, o beijo de duas almas jovens sequiosas de amor é o beijo das grandes transformações do universo e das materializações da vida.

Pois é este o beijo que João Guimarães canta. E com que arte, com que finura, com que elegancia, como um verdadeiro cavalheiro medieval que dá a vida para a honra de sua dama.

"Beijos de Amor" contêm um prefacio de Afranio Peixoto. E se Afranio Peixoto lhe escreveu um prefacio, imagine-se que de bellezas não encontrou no livro de João Guimarães o apreciado membro da nossa Academia.

—o—

"ESSE JORGE DE LIMA!", POR BENJAMIM LIMA

Benjamim Lima se enthusiasmou de tal sorte pela personalidade de

Benjamim Lima

Jorge de Lima, esse immenso poeta de "Nega Fulô", que resolveu escrever um verdadeiro ensaio sobre a sua arte. E escrevendo-o, deu-lhe o titulo "Esse Jorge de Lima!" que é uma admiração de enorme altura e de enorme repercussão.

"Esse Jorge de Lima" por Benjamim Lima, explica logo em advertencia o festejado autor, nada tem de parentesco. "Os dois Limas que se encontram aqui vêm de pagos muito differentes; são caboclos de aldeias bem diversas, bem distantes".

Benjamim Lima divide esse seu livro em tres partes: o romancista, o ensaista e o poeta. Jorge de Lima, todos sabem, é um poeta de escól. Poucos sabiam, porém, que elle tambem é romancista e ensaista tambem. E isso veiu nos revelar o talento de escriptor e critico de Benjamim Lima, nessa obra de fino lavor que é "Esse Jorge de Lima!".

A edição é de Adersen-Editores, para quem, é sabido, um livro bem lançado e melhor apresentado é uma religião.

"AS AVENTURAS" E "OUTRAS AVENTURAS DE TOM SAWYER"

Tom Sawyer foi interpretado por Jackie Coogan no film que a Paramount fez do livro sensacional de Mark Twain sobre as aventuras desse garoto. E a Civilisação Brasileira Editora, agora, em sua Collecção Livro-Film traduziu para o vernaculo a obra prima da literatura norte americana.

A versão de "Aventuras" e "Outras aventuras de Tom Sawyer" (dois volumes) é feito directamente do inglez por Orlando Rocha e cuidadosamente revisto. Com capa em off-set, a cores, de Paulo Werneck, estes livros da Civilização Editora são de leitura apropriada para moças e rapazes que apreciam as boas leituras. E além do mais, trazem, no texto, quatro photographias do film, cedidos pela empreza productora.

—o—

LIVROS ESTRANGEIROS NA TRADUCÇÃO

— Quaes os autores estrangeiros preferidos do publico brasileiro?

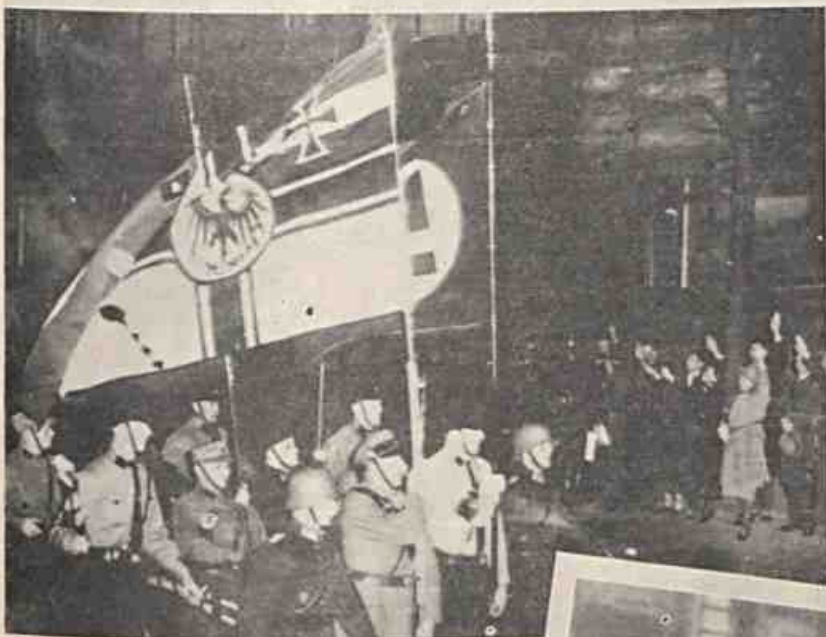
Esta pergunta, se feita ha quatro annos, deixaria em palpos de aranha o leitor interrogado, dando uma mostra bem feia da nossa cultura literaria. Hoje não. Hoje qualquer leitor responderá, sem pestanejar: Edgar Wallace, Conan Doyle, Baroneza de Orczi, Ridder Haggard, Robert Louis Stevenson e outros, muitos outros.

Edgar Wallace, que ha pouco morreu, foi o homem dos mysterios: Elle engendrava, em seus romances, taes complicações, que se o leitor quizer uma prova, é só folhear, por exemplo, "O enigma da chave de Prata" ha pouco lançado em bôa traducção de José Lopes Ribeiro.

Ridder Haggard é o celebre autor das "Minas de Salomão" que Eça traduziu. Delle o publico pode conhecer agora "Benita", romance de grande sensação.

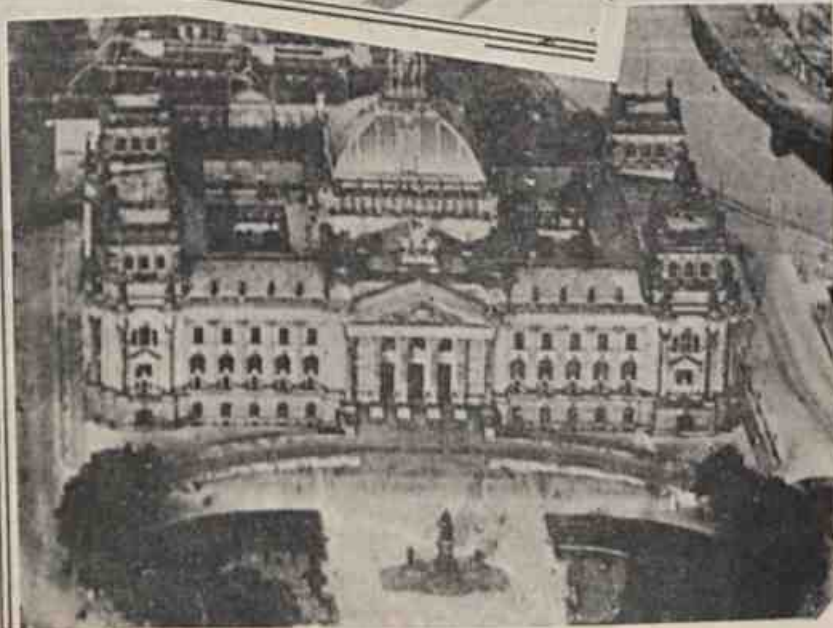
E Robert Stevenson? Este é o consagrado autor de "Medico e Monstro". Delle agora o publico póde ler "O thesouro perdido", que a Editora Nacional de São Paulo lançou, na traducção de Alvaro Eston, capa de J. U. Campos em off-set e um mappa elucidativo do entrecho do romance.

Quanto não se sentem felizes os leitores do Brasil que podem adquirir obras de interesse como estas e outras! Passar as horas de lazer na leitura, é o maior don que Deus deu ao homem.

O Que Se Passa Na Allemanha De Hitler

Os Nazistas realizaram outro dia uma "marche-aux-flambeaux" pelas ruas de Berlin. Durante a passeata civica, o symbolo da Patria de Bismarck foi saudado freneticamente pela multidão, que lhe fazia a continencia fascista.

Ao lado — Um judeu, residente em Munich, tendo-se queixado ás autoridades de haver sido maltratado pelos soldados da policia nazista, teve que andar descalço pelas ruas daquella cidade, levando um cartaz com estes dizeres: "Nunca mais me queixarei da Policia".

O chanceller Adolf Hitler, chefe do Partido dos Nazis, e o Presidente Hindenburgo apertam-se as mãos, por occasião da cerimonia civica em memoria dos allemães mortos no Ehrenmal.

Em commemoração da victoria de Hitler, 30.000 creanças, uniformizadas á moda do Chanceller allemão, formaram numa parada realizada ha pouco em Berlim.

O Reichstag depois do incendio — A Prefeitura de Berlin receia que a armadura do admiravel palacio que Guilherme I construiu não possa ser aproveitada para a reconstrucção.

UMA QUESTÃO DE HONRA !

O professor José Victor de Mendonça e o poeta Plinio Motta metteram-se na linha arriscada de uma discussão literaria, pela imprensa de Varginha, em torno da crase. Por sua vez, Antonio Enout, poeta da região, intrometteu-se no assumpto, com estes versos:

Por causa de uma crase, um grão de areia,
Um risco sobre um *a*, que ninguem nota,
Vejam que o Zé Mendonça se craseia,
Numa luta braçal, com o Plinio Motta !

Fujo de briga. E nesta não me metto,
Por ser o dito Vieira... de Mendonça !
Mendonça... seja branco ou seja preto,
Além de matar gato, esfola onça...

Mas, de razão o Vieira está coberto.
Fosse commigo o caso (credo ! e credo !)
Queria logo ao Plinio ver de perto,
E tinha que dansar de roda o aédo...

Porque, como é do publico dominio,
Foi, contra o Vieira, baita o atrevimento !
Pois que honesto direito tem o Plinio
De lhe mexer, não sei com quê, no *accento* ?

SANTANA PINTO

A CAMPANHA DO VOTO

A "Liga Brasileira Pró Constituinte", aggremiação politica de grande actividade na Bahia, está levando a effeito naquelle Estado uma intensa campanha patriotica de doutrina sobre o voto.

Essa propaganda eleitoral, que é dirigida e orientada pelo Dr. Bulcão Junior, compõe-se de publicações doutrinarias sobre o dever civico do voto e intitula-se "Campanha do Voto".

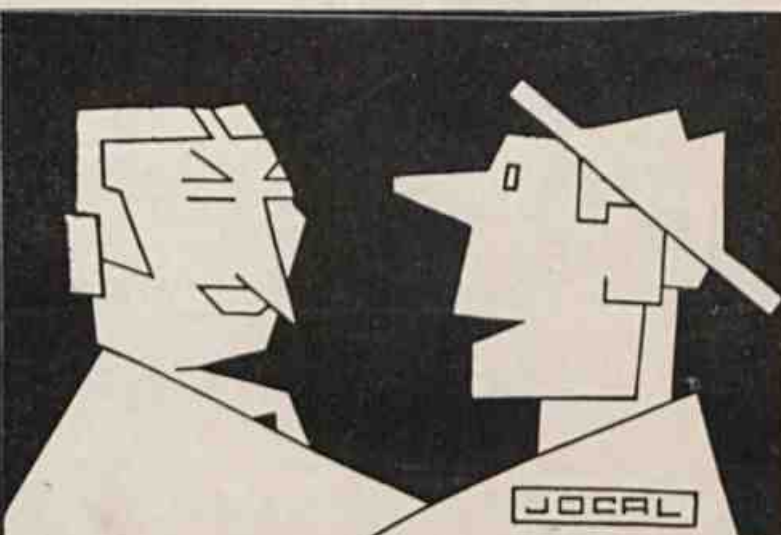
A palavra do grande Ruy sobre o assumpto deu inicio a essa série de publicações. Duas paginas do grande brasileiro sobre o Voto e a Espada compõem o primeiro numero da "Campanha do Voto". A segunda publicação encerra o Appello aos Bahianos do Sr. J. J. Seabra. O Dr. Bulcão Junior em ambas tece commentarios, tendo as seguintes palavras referindo-se ao manifesto do Sr. J. J. Seabra, que é o candidato da "Liga" ás proximas eleições á Constituinte. O manifesto que se segue é da autoria do eminente bahiano J. J. Seabra. Escreveu-o quando de sua ultima vinda á Bahia. Nelle nota-se uma profunda observação do autor pelo actual momento politico do paiz. Sentindo a gravidade da hora que passa, Seabra mediu com exactidão as suas palavras, meditou com profundeza o seu pensamento. E depois, com a experiencia que tem adquirido através da sua gloriosa carreira politica, desfraldou a sua bandeira, que deve ser a bandeira da Bahia: a flammula da paz espalhando a concordia entre todos os bahianos.

Dr. Bulcão Junior

Neste manifesto, Seabra é como um oraculo que fala e que deve ser ouvido e seguido por todos os bahianos. E não será Seabra o oraculo de sempre, de todas as reivindicações liberaes da Bahia?"

Fomos distinguidos com a offerta de exemplares dessas publicações, o que muito agradecemos.

A PROPOSITO DAS ELEIÇÕES

— Meu marido disse que não tem partido.
— Então, você não é um bom "partido"?!

— Não pódes votar?
— Não. Sou do "Só...ci...alista..."

DE TUDO UM POUCO

O PROFISSIONALISMO

ANDA accesa a discussão do profissionalismo nos esportes.

Melhor será dizer que ainda anda, porque já vem de longe e promette não acabar tão cedo.

Toda essa barulheira, porém, resulta de não se ter posto convenientemente o problema.

Para resolver, com acerto, a questão, é preciso resolver, previamente est'outra:

O esporte é uma arte ou é uma brincadeira, um exercicio hygienico?

A resposta por uma ou por outra das hypotheses liquida o caso.

Se é uma arte, por artistas é que deve ser executada; se não é, se é apenas brincadeira ou mero exercicio, então já se não precisa ser artista para pratical-o.

O artista, o verdadeiro artista deve viver da e para a sua arte, porque se não póde, ao mesmo tempo, tocar sino e acompanhar a procissão.

O amador só na apparencia é que desmente o brocardo; o que faz é correr á corda do sino nas horas vagas, porque as outras elle as passa na repartição, no escriptorio na officina ou algures.

E' claro que a corda é metaphorica, o que com ella se quer indicar é o campo das pelejas esportivas; é claro, mas não é a unica coisa clara que muita gente não dá por ella; portanto, mal não ha que aqui fique ainda mais esclarecida.

Tão claro como aquillo é que só o profissionalismo póde resolver o problema de uma execução perfeitamente artistica, porque, fazendo da arte sua profissão, fica em condições de viver, inteiramente, dentro de ambas; entretanto ainda ha quem o discuta.

A arte tem de ser especializada.

Ora, o amador, tendo de occupar-se tambem de outras cousas, não se especializa em nenhuma; dahi o ser sempre um executante mais ou menos canhestro, tanto na arte, como fóra della.

Os profissionaes, porém, perderão o prestigio que lhes vem do preconceito de que a arte não deve ser mercenaria, como se o artista pudesse viver de brisas e de applausos.

Um grande artista, um astro, uma estrella faz-se pagar muito caro, e precisa fazer-se pagar assim.

Uma das grandes figuras femininas do cinema, por exemplo, quanto não precisa gastar para ter sempre perfeitas a sua belleza, a sua elegancia, a sua agilidade? Quanta cousa não deixará de fazer para não perdel-as?

De amadores já não seria razoavel exigir tanto, nem que com vestidos de alto preço e muito gosto sempre se apresentassem, porque, trabalhando só por amor á arte, não teriam com que attender a tão grandes despezas.

Isto poderia ser mais economico, mas, indubitavelmente, seria menos esthetico.

Portanto, se o que se quer é uma arte perfeita, ella que seja entregue a profissionaes escolhidos e bem pagos.

S'

PARA SER BONITA

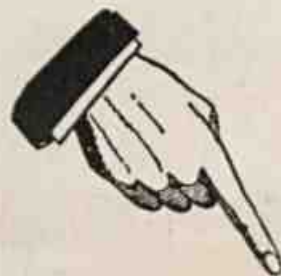
OS cabellos — segundo Mme Ignotus — podem tornar-se pretos sem tintura, e tão só com a seguinte composição caseira: 125 grms. de cera branca, 300 de azeite de oliva.

Queda do cabello — Depois de lavada e bem secca a cabelleira, esfregar o couro cabelludo com o seguinte: 1 grm. de sulfato de quinino, 60 grms. de alcool, 30 de agua de Colonia, 3 grms. de tanino.

GULODICE — "Omelette" de maçãs

DUAS colheres de farinha de trigo, duas de assucar, quatro ovos inteiros, 80 grammas de manteiga derretida. Tudo muito bem batido e depois misturado a meio copo de leite morno. A' parte, derreter 100 grammas de manteiga onde se douram cinco pequenas maçãs cortadas em tiras finas. Pôr o que se fez em primeiro logar — ovo, etc. — em manteiga ou banha de toucinho fresco, bem quente, para fritar. Quando formar a massa prompta a ser dobrada, juntará os pedaços de maçãs frita. Já no prato polvilhar de assucar, baunilha e cascas de limão, deixando esfriar na geladeira. Antes de servir, molhar com um pouco de vermouth ou rhum queimados no assucar.

GULODICE — Frango "Mirentchu"

FRANGO de carne branca, macia, bem limpo, passado em limão, alho pisado e sal, posto a cozinhar numa panella de barro bem untada de toucinho em banha. Leval-o ao forno numa assadeira de barro tambem e tambem untada de banha porém misturada a manteiga e polvilhada de pimenta em pó, massa de tomate e pimentão moído. Viral-o e reviral-o. Quando estiver prestes a ser tirado do forno rodeal-o de fatias de pão com manteiga, toucinho de fumeiro, e, instantes depois, azeitonas grandes. Fóra do forno, ainda quente, molhar o frango com um copo de vinho doce, branco, ou de sobremesa, cobrindo o toucinho com lascas de pimentão verde.

CURIOSIDADES

A mais habil das mulheres de negocio do mundo é japoneza e acode pelo nome de Ione Suzuki, possuindo fortuna de cerca de cento e sessenta milhões de pesos ouro. Ainda é viuva, dona de muitos navios mercantes, de fabricas no Japão, de officinas na Inglaterra, Estados Unidos e França.

Os cavallos do campo, soltos, vivem de 35 a 40 annos, emquanto que os sujeitos aos methodos civilizados vivem apenas 25.

BANHO NO JAPÃO

HELENA Rubinstein, que aconselha methodo na respiração para ter saude e belleza, assegura que as japonezas se banham melhor do que qualquer das outras mortaes. Antes de fruir a tepida e perfumada agua da piscina-banheira, usa, em agua separado, sabão, esponja, e o que deve concorrer para limpeza do corpo.

ALINHAVOS

Da esquerda para a direita — Casaco de lã cinza chumbo, botões de metal prateado; vestido de setim preto, pelerine debruada de crepe fantasia; "deux" pièces" de crepe de lã quadriculado, golla de fustão branco; vestido de crepe de seda lilás rosado, bordados rosa vivo e branco.

Chapéo preto, de velludo, laço "peau d'ange" branco; vestido de jantar — "marocain" verde agua, babados e nervuras.

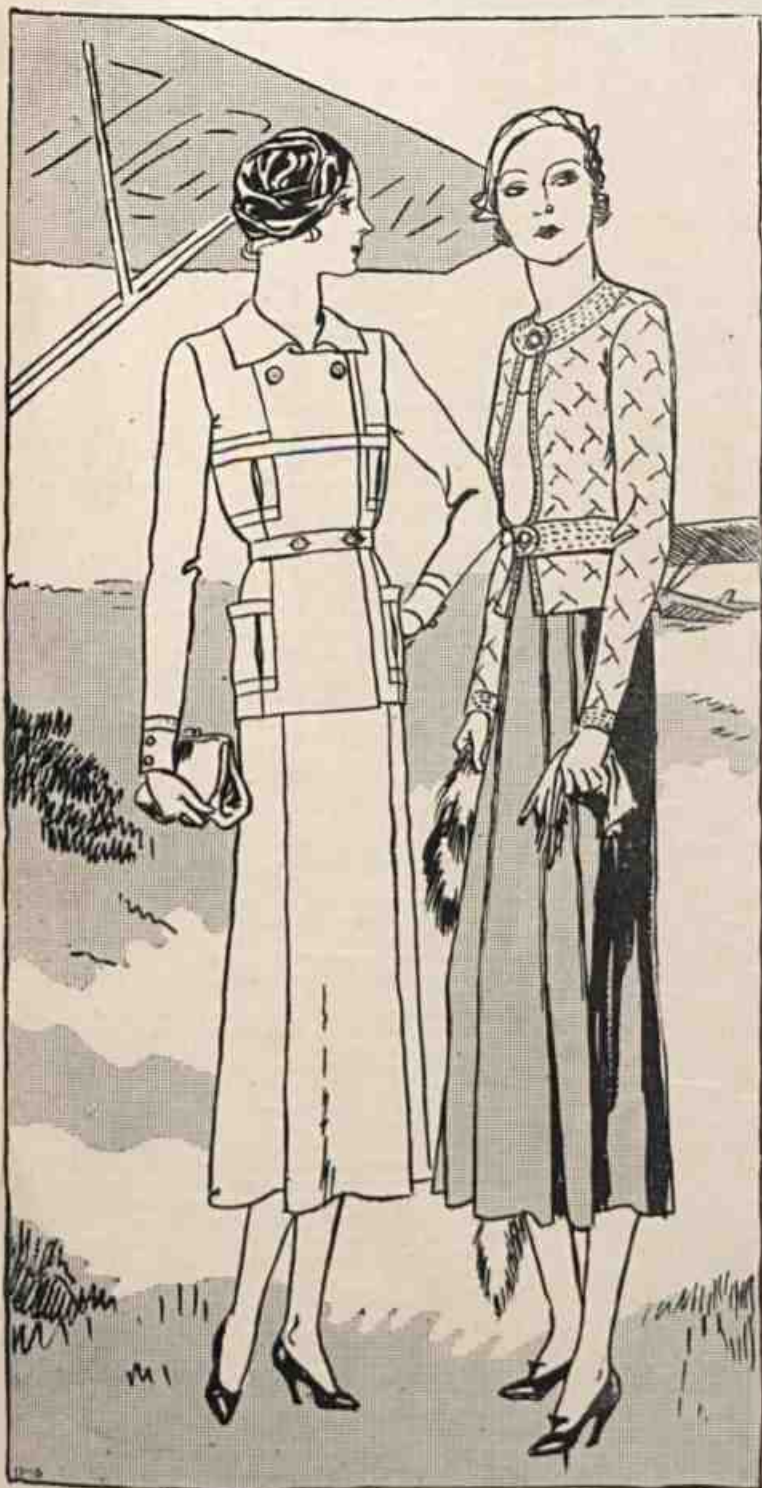
Ainda calor? Frio, já? Se a leitora cumpre com o preceito de andar bem vestida, deve, mesmo agora, ter no guarda-roupa alguns trajes claros e frescos, e os que a nova estação indica como apropriados a atravessal-a.

Felizmente, se a bolsa anda escassa e as roupas de verão gastas, a vestimenta ideal para a nova phase do anno é o *tailleur* — de corte masculino ou muito fantasia, este de mais acceitação, o outro lançado pela elegante "platinum blonde" de Hollywood.

A' esquerda — vestido de crepe de lã cinza areia, golla de velludo havana escuro e branco; á direita — saia de flanella azul electrico, casaco de velludo côr de mel.

Marlene Dietrich, formosa entre as formosas, corpo bem feito, andar gracil, resolveu vestir-se como qualquer rapaz. Se se conserva graciosa, está, no emtanto, tão longe da bella figura que admiramos em "Shangai Express", em "Marrocos", em "Deshonrada".

E' muito possivel, porém, que as suas calças frisadas a ferro, os seus paletots, gravatas e collarinhos ainda sejam obra de annuncio.

Parece que aguçar a curiosidade no proposito de ganhar dinheiro não encontra limites na época do auto-gyro e das faiscas electricas que eliminam de uma só vez, á distancia, milhares e milhares de séres humanos...

Vestido-"manteau" de crepe de lã verde "noisette", servindo com varias blusas com mangas compridas.

Costume de lã vermelho lacre, botões dourados; saia de crepe setim "marron", casaco de crepe branco estampado de "marron" claro.

S O R C I È R E

1585
6
MAIO

ALBUM DE ŒDIPO

2.º TORNEIO
COMMUM
DE 1933

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1931

HELIO FLORIVAL

1º TORNEIO DE 1933 — N. 1.568

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Lyrio do Valle e Spartaco (ambos de Belém, Pará), Etiel e Euristo (ambos da T. E., de Lisboa), Vasco Dias (Lisboa), Violeta, K. Nivete e Alvasco (todos 3 de Recife), Dr. Anquinha, Toutinegra, Jefferson, Chow-Cnim-Chaw, Moringa (todos 5, desta Capital), Mawercas (Campinas, S. Paulo), Nazareno (R. P. — São Paulo), Helio Florival, Belkiss, Taft, Noiva da Collina, Eneb, Vivi e V. Neno (todos 7 do Grupo dos XX de Piracicaba, S. Paulo), 20 pontos cada um.

OUTROS DECIFRADORES

Ricardo Mirtes e Tercio-filho (ambos de Recife), Nozinho, R. Sald, Helianthe, Clirio, Gontran d'Abrunhosa, Agama, Amir (todos de S. Salvador, Bahia), Athenas (Belém, Pará), 19 cada um; Scylla, Americo, Canhoto, Ananias, Castrinho (Gente Nova, de Corumbá, Matto Grosso), Ave da Sorte (S. Salvador, Bahia), Passaro Negro (Barbacena, Minas), Candinho (Bananal, S. Paulo), Borges (Campinas, idem), Centauro (Conrado Niemeyer, E. do Rio), 18 cada; Gandhi (Campos, E. do Rio), Capuchinho, Capichoto e Capichola (todos do Gremio Capichaba, do E. Santo), 17 cada; Dom Q. (S. Salvador, Bahia), Edipo (Curityba, Paraná), 14 cada.

DECIFRAÇÕES

Delirio; Catadura; Lacrão; Garboso; Dura, duro; Evasiva, evasivo; Esco, esca; Estrada, estrado; Ternura, terra; Papalvo, pavo; Badanal, banal; Partida, parda; Vertude (tu no verde); Campanha; Masque; Cravo-rouxo; Papa-gente; Legalizar; Tuberosa; Não ha rosa sem espinho nem formosa sem senão.

NOTA — *Nozinho* e *Dom Q.* mandaram *Brioso*, como solução da novissima 4, mas charadisticamente não n'a resolveram. *Olhadura* para 2 está pedindo justificação dentro do prazo regulamentar, e fóra do caso da synonymia de synonymia.

2º TORNEIO COMMUM DE 1933

PREMIOS: — 1 para cada um dos vencedores de 1.º, 2.º, 2|3, 1|2 dos montos, e para o autor do melhor trabalho escolhido por votação entre os concurrentes classificados, segundo o criterio regional; esse premio será o retrato do mais votado publicado dentro do nosso Quadro de Merito. Serão feitos os desempates, quando precisos.

Livs. adops. nest. num., C. F. (ed. red.); Sim.; Souza (1º e 2º vol.); Syn. Band.; Fons. e Roq. (1º e 2º vol.); Moraes (proverbios).

NOVISSIMAS 1 a 4

2—1—*Habilidade* tem todo *senhor que tem bom ar.*
Borges (A. C. L. B. — B. C. — Campinas, S. Paulo)

2—1—*Prosegui* pela estrada que *permitte* bom *curso.*
Batalhador (G. C. S. A. — Theophilo Ottoni, Minas)

1—2—*A* riqueza é para o *"homem"* um *legitimo* desejo.
Athenas (Belém, Pará)

1—3—*Desde* hontem ella confessou *que tem cabimento* o que se julgou *inopportuno.*
Candinho (Bananal, S. Paulo)

CASAES 5 a 8

3—Está *prohibido* este *logar fortificado.*
Athenas (Belém, Pará)

3—*Bruxaria* assim só *o diabo* a faz.
Amir (S. Salvador, Bahia)

4—Eis o *capanga* do *ladrão de gallinhas.*
Borges (A. C. L. B. — B. C. — Campinas, S. Paulo)

2—Fiquei *deslumbrado* quando vi a *serpente do Brazil.*
Batalhador (G. C. S. A. — Theophilo Ottoni, Minas)

SYNCOPADAS 9 a 12

3—2—Devido ao *regimen* que adoptou, conseguiu *fortuna.*
Sindulpho Camara (Fortaleza, Ceará)

3—2—Na *cidade italiana* ha muito deste *"fructo"*.
Borges (A. C. L. B. — B. C. — Campinas, S. Paulo)

3—2—Mostrou *alento* deante do *incendio.*
Candinho (Bananal, S. Paulo)

3—1—*E' cousa de pouco valor, é* mesmo *bagatela.*
Ananias (Gente Nova de Corumbá, Matto Grosso)

ENIGMA 13

O homem em si nada vale,
A utilidade que o cerca
E' que o faz valer um pouco;
E se é *bom* que o não se perca,
E' uma mercadoria
Que, de rara, não se merca.
Spartaco (Belém, Pará)

CHARADAS 14 a 17

Em creança só se cuida — 1 —
De comida e *vadiagem* — 2 —
Vive-se assim bem feliz
Presa, emfim, da malandragem.
Violeta (Recife, A. C. L. B.)

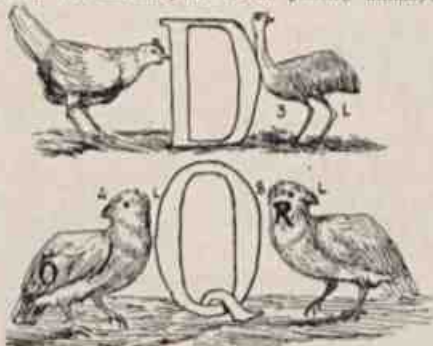
Certa vez, vi "seu" "*Saraiva*", — 2
Gritando qual *furioso!* — 3
Declarou-me, então, o Paiva:
Este clamor horroroso

Tem causa mui dolorosa,
Pois o *nitrato de prata*,
Substancia mui perigosa,
Queima demais e maltrata.
Athenas (Belém, Pará)

Dizem que *o faro* é um cheiro, — 2
Mas não acredito, não.
Creio *apenas* no dinheiro, — 1
O resto é assumpto vão.
Nazareno (R. P. — São Paulo)

Na *vizinhança* da villa — 2 —
Examine, com cuidado, — 2 —
Se ha *"fructa"*, em todo mercado,
Ou só na casa do Pilla.
Edipo (Curityba, Paraná)

FIGURADO 20

(Ao Frei Paulino, de Juiz de Fóra, em retribuição ao seu excellente logogrypho inserto no Jornal de Charadas, de 15 de Janeiro ultimo).

Marechal (Rio)

LOGOGRYPHOS 18 e 19

Partamos, meu amor! Partamos sem demora...
Da *brisa* ao sopro ameno alemos o batel! 7—2—3—9
Une teu peito ao meu, no auge bem da paixão; 5—6—9
E a vida gosaremos, sem magua e sem fel!

No *circulo* de amor em que nos collocarmos, 1—8—4—5
Nós livres viveremos dos golpes da inveja...
Façamos do batel o nosso *esconderijo...* 5—2—3—7
Partamos ó *"mulher"* sem que ninguem nos veja!
Gontran d'Abrunhosa (S. Salvador, Bahia)

(Para o Cid Marlowe, agradecendo Ingarilho)

Si por *fim* tu viajares — 1—6—2—4
Leva esta *"flôr"* por signal — 7—8—13—10
P'ra te livrar do *quebranto* — 9—12—9—10
O filho do *general* — 5— 2

Entrando na *"carruagem"* — 13—10—15—14
Governa-a tu sem desleixo — 7—14—15—16
Pois *gira* com segurança — 7—8—11—12
Sobre a *peça onde entra o eixo.*
Dama Verde (S. Salvador, Bahia)

PRAZOS

Terminarão: a 26 e 31 do corrente, e a 6, 8, 10 e 15 de Junho seguinte, respectivamente para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

CORRIGENDA

Do n.º 1583:

Accrescente-se: — concorreram (linhas 17); tal (terceiro verso); bem e E (segundo e quarto versos); successivamente, depois de — que — (DECIFRADORES da 5.ª *Serie da Taça Maria-Flôr*); antes de — responsavel — (Charada de Gontran d'Abrunhosa); antes de — ordeiro e sem — (Logogrypho 172, de Zelita). Substitua-se: Num por Em um (terceiro verso); Mas por Porém (terceiro verso); O por Este (1.º verso), successivamente, no Enigma de Claudina, na Charada de Peter-Pan, e no logogrypho 172, (de Zelita). Supprima-se: só e um (2.º e quarto versos); de e e (primeiro e segundo versos), successivamente, das Charadas de Gontran d'Abrunhosa e de Arthano. 70 (novissima de Goudemaga) e *verba* (dita de Helianthe, deverão ser gryphadas). A expressão — de ferro — (5.º verso do Enigma, de Claudina) não terá grypho.

6ª SERIE DA TAÇA MARIA-FLÔR

A 17 de Junho proximo encerraremos o prazo para o recebimento dos artigos destinados á publicação acima; isto é, nesse dia taes artigos deverão estar nesta Redacção. Precisamos de algum tempo para o estudo e escolha dos mesmos antes da respectiva entrega á composição.

Para evitar confusões resolvemos que, nesta e nas demais series da Taça que se seguirem, o prazo marcado só se entenderá com a remessa de trabalhos, e não com as incripções tambem. Quanto a estas, o concurrente, desde que envie, em época opportuna, a lista das decifrações do primeiro numero ou de outro qualquer da competição, está em condições de disputar a prova desde o primeiro até o ultimo premio, ficando sem effeito o ultimo periodo do que publicamos, com o titulo — 6.ª *Serie da Taça Maria-Flôr* —, n'*O Malho*, 1581, de 8 de Abril ultimo.

O mesmo acontecerá nos futuros Campeonatos.

Pedimos encarecidamente aos senhores concurrentes que nos enviem os trabalhos á proporção que forem ficando promptos, e não guardem para ultima hora a remessa total delles. O accumulo de materia no fim do prazo só poderá ser prejudicial para nós e para os charadistas.

DE JANELLA

MALHANDO

Nozinho é o phenomenal descobridor de "coptico".

Como conseguiu descobrir esse ponto é que vamos ver.

Certo dia, toda a communidade charadistica soube, de fonte autorizada, que o Nozinho havia visitado as redacções de todos os jornaes da Bahia. O que seria? Mysterio.

Enlace Cecilia Santos — Manoel de Lima

Nesse mesmo dia, notaram, nos periodicos, um annuncio deste teor:

AVISO

Dá-se um terno de casemira, cosido e reforçado, a quem descobrir um synonymo de Egypcio aspeado.

Nozinho.

No dia seguinte o Nozinho não teve um minuto de folga: era, constantemente, solicitado ao telephone, para prestar esclarecimentos acerca do seu annuncio. O facto é que Nozinho foi obrigado a ouvir disparates deste jaez:

— *Seu* Nozinho, serve um egypcio anonymo?
— *Seu* Nozinho, sendo sem aspas o Snr. aceita?
— *Seu* Nozinho, um africano tatuado serve?
— *Seu* Nozinho, é aspeado ou chapeado?
— E' o raio que o parta, desgraçado! Berrou por fim, o Nozinho, irritadissimo, atirando, violentamente, o receptor de encontro á parede da venda do hespanhol, o qual cheio de respeitavel indignação, que lhe abalou as columnas de apoio, atirou com toda uma manta enrolada de carne secca sobre o distincto costado do nosso impagavel Nozinho que, por felicidade, escapou illeso.

Nozinho voltou á sua tenda de trabalho de punhos cerrados e rilhando os dentes.

O hespanhol da venda, não se convencendo da invulnerabilidade do costado do Nozinho, seguiu lhe as pegadas e, gesticulando furiosamente, lançou-lhe um desafio:

— *Hombre, oiga bien: vo te juro por Dios, se usted volver a hacer lo que hizo, será mejor, antes, ser oido en confesion, por qualquiera cura. Adios, mala centelhado coptico.*

E' excusado dizer que o Nozinho, pallido como a cêra de carnau'ba, correu ao diccionario Figueiredo: queria saber o significado de coptico, para retrucar-lhe ao pé da letra.

E assim procedendo, descobriu, sem querer, o ponto que tanta dôr lhe causava aos callos.

(Bahia)

Amir

CORRESPONDENCIA

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia) — Recebidas as charadas e a lista do n.º 1576; mas o confrade não as fez acompanhar da ficha e do retrato, documentos hoje necessarios para a sua integração definitiva no nosso quadro de charadistas, porquanto todas ás inscripções antigas (e o confrade fez a sua em 1924, mais ou menos quando ainda residia á rua Lellis Piedade, n.º 158, Itapagipe) foram cancelladas. Está, portanto dependendo dos dois documentos citados a tomada em conta da correspondencia, que, ultimamente, recebemos.

MARECHAL

A cruz de ouro

Luis Amaral que ás qualidades do jornalista e espirito combativo allia os predicados de escriptor curioso e agil, deu á publicidade o seu novo livro — "A Cruz de Ouro".

Se na "A mais linda viagem", publicado ha 4 annos, o joven polemista se revelava o enamorado dos rincões sertanejos de nossa terra, agora, depois de percorrer os grandes centros da Europa, elle dilatou a sua visão para o panorama complexo das questões sociaes tratando dos problemas mais graves com uma riqueza de detalhe percuciente.

Em menos de duzentas paginas que poder-se-ia desdobrar em 300 se o volume não fosse tão denso e quizesse impressionar pela grossura, Luis Amaral aborda um complexo de estudos da mais palpitante actualidade e nos quaes os postulados da philosophia social contemporanea se entrechocam com os da politica em seus aspectos mais amplos.

LUIS AMARAL

Revelando principalmente boa erudição e capacidade de transladar das fontes classicas da historia os principios basicos das ideologias modernas, naquillo que mais de perto collidem com as necessidades brasileiras, o ardoroso polemista mostra não só envergadura para estudos de tão alta responsabilidade, como tem a coragem de dizer o que pensa com a mais nobre sobranceria.

O proteccionismo, o pacifismo, o nacionalismo, imperios sem justiça, povos sem pão, o mundo em mãos de politicos inferiores; paiz a organizar, como é na Europa e como é no Brasil, eis, apenas para aguçar a curiosidade dos amantes da boa leitura, alguns traços fugaces da obra por muitos titulos valiosa do brilhante pamphletario.

Resta ainda uma coisa a dizer sobre "A Cruz de Ouro" e que lhe valerá melhor do que o mais franco elogio.

E' o merito de assignalar as tendencias da actual geração de escriptores brasileiros principalmente da gente moça, para a contemplação do que a Europa tem de util e proveitoso.

Até aqui, a maior parte dos nossos patricios que iam a Europa, iam apenas para o goso chato do mundanismo, ou para a cura do figado em Vichy, ou Carlsbad.

Ha algum tempo, porém, observa-se o mais vivo interesse e curiosidade em torno de tudo que de mais pratico, mais espiritual e elevado, a civilização européa póde nos incutir e ensinar.

Apreciado sob este prisma, o trabalho de Luis Amaral representa sem nenhum favor, um marco para o progresso moral da nossa mentalidade.

O pote de minha avó

JOSE' FARNESE

Se bem me lembro, eu tinha onze annos e me alegrava com a vinda da lua cheia...

O póte de minha avó era de barro, tosco, feio, e enegrecido pela fumaça. Morava, desde que o conheci, num buraco do fogão; e recebia, dia e noite, no fund'lho, o fogo do fogão, da lenha que eu juntava á ultima hora impellido pelos ralhos.

Era um póte estimado. Minha avó sempre que eu lhe tirava agua quente com menos deferencia pela sua vetustez quebradiça, ralhava-me a valer. Era elle quen fornecia agua quente para o café da manhã, para a ablução de gato manhoso que eu fazia mal me levantava da cama.

Emfim, durante todo o dia, a agua nelle renovada fervia para as necessidades da casa.

O póte de minha avó tinha, entretanto, um inimigo. Ou antes, uma inimiga. Era a minha prima, uma loira rosada, fresca e linda como petala de rosa-chá. Minha prima não o tolerava. Tinha-lhe uma ogerisa immensa, ogerisa sem causa, ogerisa de mulher bonita. Muitas vezes dizia-me: — Ainda quebro esse póte, muito embora vovó me bata ao depois.

Minha prima tinha nessa época nove annos. E eu queria-lhe um bem enorme...

Um dia o póte de minha avó appareceu quebrado... Minha prima deu-lhe com uma pedra pondo-o em cacos. A agua quente jorrou e o fogo do fogão se apagou. Minha avó chamou-me a mim e a minha prima. — Quem de vocês quebrou o póte? Minha prima falou: — Foi elle.

O caso era sério. A surra infallivel. Olhei para minha prima; vi-lhe as faces rosadas, o cabello loiro e calei-me.

— Então, foi você?
— E'... que... — quiz responder mas não pude.

Apanhei, apanhei a surra sem chorar. Minha prima assistiu-a medrosa, a um canto. Depois fugi. Deixei minha avó, deixei minha prima, deixei a casa velha de que tanto gostava, deixei o collegio, deixei tudo...

O mundo abriu-me as suas portas amplas, óra dando acesso á alegria, óra á dor.

Eu hoje, tão longe de tudo que passou, dos cacos do póte, do loiro rosa-chá de minha prima, da surra de minha avó que Deus haja na sua santa paz, tenho saudades de tudo, e fico a philosophar sobre o que seria de minha vida se não fora a ogerisa de minha prima ao póte de minha avó, aquelle póte de barro, sem preço, enfumaçado e feio.

PARA RECITAR

MARINHA

Pelo mar socegado, em calmaria,
Branqueando ao longe, o vulto de
[uma vela,
Mal raiou no horizonte a luz do
[dia
Ella partiu, qual celere gazella.

Eil-a que vae, á luz de crenças
[magas,
Sob as mãos adestradas do
[barqueiro
Pela esteira do mar a ignotas
[plagas
Entregue ao seu destino
[aventureiro.

Banhada em luz, garbosa e
[feiticeira
Alvo cysne a vogar, lindo e
*ignorado,
Cortando as aguas, rapida, ligeira,
Abre um leque de espumas
[rendilhado.

Potentes manes, abrandae as iras,
As sanhas más do movediço
[abysmo!
Pelas vagas azues como saphyras
Deixae passar, tocada de lyrismo.

A barquinha gentil, entre
[bonanças.
Levae-a, ventos bons, feliz e calma
Ella conduz risonha esperanças
A quem a espera além, com ansias
[n'alma.

Numa cabana rustica e isolada,
Brinco de amor, mimoso e
[alviçareiro
Ao sopé da montanha alcandorada,
Vive a sonhar a noiva do
[barqueiro.

ELVIRA CELESTINO
(Bahia)

—— * ——

IRREALIDADE

Meu exquisito entendimento
Sente nos homens e nas coisas

Que vou encontrando no caminho
[que em silencio percorro,
Extranhas realidades invisiveis...

Meu exquisito entendimento sente
[e vê
Nos homens e nas coisas,
— Na agua parada de sua
[immobilidade,
Nas ondas rijas de seu tumulto,
Nas vozes de seu silencio,
No anniquilamento de sua morte,
Na exaltação,
Na inquietação de seu viver,
Gritos internos de dôr, que nunca
[foram formulados,
Desejos, ansias,
[incompatibilidades,
Que jámais se conheceram,
E sobretudo lagrimas,
Lagrimas que ninguem vê...

Ha mais de trezentas e cincoenta
[almas na minha alma!
E por que tantas, por que?

Porque será que os homens e as
[coisas,
Como um crystal polido que o
[halito rude da vida
a toda hora embacia,
Têm tanta tranparencia,
Têm tanta sensibilidade
Nesse mundo nevoento e indeciso
[de soffrimentos e de dôres,
Onde alguma coisa em mim que
[não conheço bem
e que me espanta
Os sente gravitar
E erra entre elles sózinha como
[uma sombra perdida?

CHRISTIANO MARTINS
(Bello Horizonte)

—— * ——

FELICIDADE

No bairro, sem luz e sem vida, que
[eu moro,
— arrabalde obscuro —
que tem cordões com roupas nos
[quintaes
e lixo em monturo,
ha um bando de creanças
— companheiras inseparaveis da
[lama —
que não pensam em amor
e que buscam a vida
nas asas multicôres
de um papagaio de papel de seda...

CARLOS LEITE MAIA

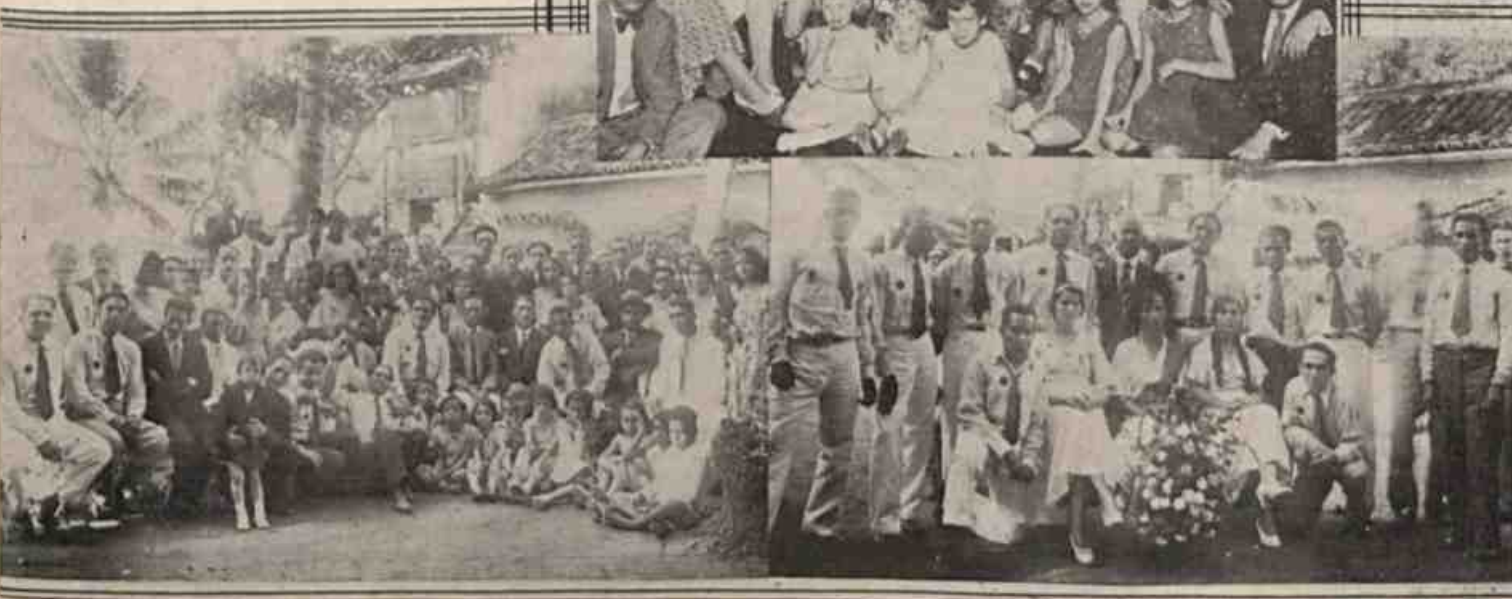
VARIOS ASSUMPTOS

Festejando o dia do Encarcerado, após a missa na Casa de Correção.

Inauguração solemne da União dos Operarios Estivadores, presentes os ministros da Marinha e Trabalho e outras pessoas gradas.

A commissão que promoveu o grande baile de sabbado no Centro Gallego, destacando-se ao centro a madrinha escolhida.

Festa de 2.° anniversario do Rio Branco A. Club de Nictheroy.

Anniversario da Sra. Flora Aladas Salgado, esposa do Sr. Armindo Ribeiro Salgado.

A' esquerda, uma parte dos convidados presentes ao Pinc-nic da Ilha de Paquetá, promovido pela Commisão de Festas da Caravana dos Bohemios da Casa Pimenta de Mello; e a direita, sentadas, a Rainha e as Princezas, cercadas pelos componentes da Caravana que patrocionou o mesmo convescote. Destaca-se ainda, nessa photographia. O Snr. Manoel Baptista de Souza, que recebeu a Medalha de Ouro, premio de antiguidade.

A VIDA E A MORTE

(Para o primo e amigo — Ary Reis)

Uma nuvem negra, medonha, qual fantasma tetrico da desgraça, avança pelo céo azul. Em pouco tempo toma conta do céo, que até aquelle momento era tão lindo, tornando-o, agora, ameaçador... Um vento forte, passa vergastando a terra, impondo a sua indomita vontade ár arvores, que tentam resistir... Agora, grossas bategas de chuvas cahem cada vez com mais rapidez, encharcando a terra; e as aguas, começam a correr vertiginosamente, rumo ao desconhecido, pela sargeta das ruas... No céo, os trovões rebentam ensurdecedoramente e os fuzis, riscam diagonaes luminosas no espaço negro... E' a tempestade horrivel, pavorosa, de verão.

No meio da borrasca, affrontando a noite pavorosa, um ser caminha, indifferente a tudo, com passos normaes, como se estivesse sob um céo azul salpicado de nuvemzinhas brancas, entre canteiros de variegadas flores. E' um dos cavalheiros do apocalypse, esse ser hediondo que vae ceifando pela estrada da vida as almas designadas pelo Destino. E' a Morte. A Morte e a sua foice inseparavel.

Numa baixada do caminho, á sua frente, surge outro ser que tambem caminha indifferente á borrasca que açoita desapiedadamente a terra, como querendo arrastal-a para a vastidão pavorosa do Nada...

Encontram-se frente a frente. Examinam-se. E após curto silencio, a Morte diz:

— Quem és?

— Sou a Vida.

— Sabes quem sou?

— Quem não conhece a tua esqualida figura? E's a Morte.

— Sim, sou a Morte...

— Que fazes?

— Vim cortar o fio da existencia de um velho...

— De um velho?

— Sim.

— Oh! como elle ha de haver soffrido. A velhice é um balsamo encantador. Rodeado de crianças, o velho vê surgir para o mundo aquelles que recordam a sua infancia passada... Toda infancia é mais ou menos parecida... E o consolo, a alegria do velho, é ver os netos fazerem o que elle naquella idade fez tambem... Por isso é que a humanidade te odeia... E's injusta!!

— Injusta, eu!? disse vivamente a Morte.

— Sim. Quantos sêres perambulam pelo mundo desgraçados, amaldiçoando-se a si proprios, pedindo com insistencia a tua presença e tu não appareces...

— Nervosismo... Exaltação dos sentidos... Quando chego, fogem espavoridos ante minha figura...

— ... E quantos que, vivendo bem, querendo viver mais, e tu, sem que ninguem te chame, chegas trahidora como as mais trahidoras...

— Ah! Ah! Ah! — riu ironica a Morte. — E tu?

— Eu sou a Vida! disse a outra orgulhosa.

— A' Vida! Ah! ah! ah! Por acaso és melhor do que eu?

— Sou!

— Engana-te. Tu és como eu. Sou amaldiçoada por uns e abençoada por outros. Tu tambem. O nosso destino é esse. Paradoxo. A humanidade é que não nos comprehende e não nós a ella. Todos querem tudo a seu bel-prazer. Não póde ser. Porque, no mundo, tudo é passageiro. A Felicidade dura tanto quanto a Desgraça. O enigma é saber conservar uma e evitar a outra. A Humanidade disso não quer saber e nós é que somos os culpados. O velho nunca me chamou e no emtanto, quando cheguei, não me amaldiçoou... Por que? Porque elle comprehendeu melhor que os outros, o mundo. Elle sabia que mais cedo ou mais tarde, infallivelmente, eu chegaria. E preparou-se para me receber. E recebeu-me sem uma queixa, sem um queixume... Calmo, sereno, com se eu fosse uma cousa banal... Na verdade, sou uma coisa banal... A Humanidade, na sua ignorancia, na sua superstição, é que me faz pavorosa, medonha, tetrica...

Um silencio grande, pesado, cahiu. Ambos, Vida e Morte, sob a tempestade que aos poucos abrandava, ficaram enteregues aos seus pensamentos.

Um instante depois:

— Bem. Adeus. Vaes para aquelles lados?

— Vou.

— Então, lá na collina, numa casinha amarella, está o velho.

— Irei vel-o.

— Adeus.

— Adeus.

E a Vida e a Morte despediram-se, e cada uma seguiu o seu caminho, sob a borrasca que aos poucos, abrandava...

No logar indicado pela Morte, encontrou a Vida um velho de 70 annos, que dentro de um caixão coberto de flores, nem parecia que estava morto, tal era a sua physionomia: placida, serena, parecendo sorrir...

A familia e os amigos, estes sim, choravam, lastimando a perda daquelle que diziam era tão bom...

Ante o quadro que presenciava, a Vida foi obrigada a reconhecer que a Morte dissera a verdade...

JOSÉ MARIA DE AZEVEDO

"Ansina es la vida...",

Contos criolos de

DOMINGO CAYAFA SOCA

Os "Contos criolos", que se encontram em "Ansina es la vida...", que Domingo Cayafa Soca publicou no Uruguay, são daquelles que se lêm com um prazer desmedido, pelos enredos, pela concatenação de scenas, pelo interesse que despertam.

O Sr. Domingo Cayafa Soca é o director de *Artigas*, em Montevidéo, e um grande amigo do Brasil. Nesse seu jornal elle publica periodicamente traducções de autores nossos e mesmo originaes.

"Ansina es la vida..." é a prova mais concreta do valor e do estylo do autor.

Contos das estancias, dos pagos e da vida livre, estes que Domingo Cayafa Soca apresenta merecem ser lidos no Brasil pelos que se interessam com a vida do sul da America.

Hilda Santos d'Almeida, que tirou nota maxima no exame de admissão ao 1º anno de solfejo no Instituto de Musica e cujo anniversario commemorará a 18 do corrente.